

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Leitura e Literatura: experiência estética ou experiência concreta de condutas morais

Por: Rafael Lucas Santos da Silva

i3rafael@hotmail.com

Resumo

Além do trabalho artístico, Ana Maria Machado possui diversas produções críticas nas quais a capacidade da criação verbal das ficções literárias em proporcionar um refinamento cognoscitivo do leitor em relação ao seu próprio mundo intersubjetivo, e aos conflitos provocados pela realidade cotidiana que implicam valorações éticas. Partindo da sua concepção de leitura literária, procuramos construir uma análise sobre a possibilidade da literatura servir como bússola ética para o progresso humano e cultural, tendo como contraste as indagações do crítico britânico George Steiner e as análises sociológicas sobre o Holocausto de Zygmunt Bauman, as quais torna-se um veto ao projeto literário da autora.

Palavras-chave: Leitura literária; Ética; Experiência Moral.

Resumo

Krom arta laboro, Ana Maria Machado havas plurajn kritikajn produktadojn, en kiuj la kapablo de parola kreado de literaturaj fikcioj provizas cognitivan rafinadon de la leganto rilate sian propran intersubjetan mondon kaj la konfliktojn provokitajn de ĉiutaga realaĵo, kiuj implicas etikajn valorojn. Surbaze de lia koncepto pri literatura legado, ni provis konstrui analizon pri la ebleco de literaturo, kiu funkcias kiel etika kompasso por homa kaj kultura progreso, kontraste kun la enketoj de la kritikisto pri la brita kritikisto George Steiner kaj Zygmunt Bauman pri la Holokaŭsto. kiu iĝas vetoo al la literatura projekto de la aŭtoro.

Ŝlosilvortoj: *Literatura legado; Etiko; Morala Sperto.*

Abstract

In addition to artistic work, Ana Maria Machado has several critical productions in which the capacity of verbal creation of literary fictions to provide a cognitive refinement of the reader in relation to their own intersubjective world, and the conflicts provoked by everyday reality that imply ethical values. Based on his conception of literary reading, we sought to construct an analysis of the possibility of literature serving as an ethical compass for human and cultural progress, in contrast to the inquiries of British critic George Steiner and Zygmunt Bauman's sociological analyzes of the Holocaust. which becomes a veto to the author's literary project.

Keywords: *Literary reading; Ethic; Moral Experience.*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Resumen

Además del trabajo artístico, Ana Maria Machado posee diversas producciones críticas en las cuales reconoce la capacidad de la creación verbal de las ficciones literarias en proporcionar un refinamiento cognoscitivo del lector en relación a su propio mundo intersubjetivo, ya los conflictos provocados por la realidad cotidiana que implican valoraciones éticas. A partir de su concepción de lectura literaria, buscamos construir un análisis sobre la posibilidad de la literatura servir como brújula ética para el progreso humano y cultural, teniendo como contraste las indagaciones del crítico británico George Steiner y los análisis sociológicos sobre el Holocausto de Zygmunt Bauman, que se convierte en un veto al proyecto literario de la autora.

Palabras-clave: Lectura literaria; la ética; Experiencia moral.

Introdução

Reconhece-se atualmente a capacidade da criação verbal das ficções literárias em proporcionar um refinamento cognoscitivo do leitor em relação ao seu próprio mundo intersubjetivo, e aos conflitos provocados pela realidade cotidiana que implicam valorações éticas. Sem pretender diminuir a importância das causas desse reconhecimento, pode-se evocar o caso da ávida leitora Emma Bovary, retratada por Flaubert como uma leitora cuja individualidade fora construída a partir das ficções literárias, por isso, cessa por se deslocar da realidade cotidiana, procurando somente materializar suas fantasias; em seu mundo intersubjetivo existe uma visão mais agônica do mundo como resultado dos fracassos de realizar essas fantasias que ruíram em frustrações e ilusões: “E procurava saber qual era, afinal, o significado certo, nesta vida, das palavras “felicidade”, “paixão” e “embriaguez”, que nos livros pareciam tão belas” (FLAUBERT, 1970, p. 32).

É lugar-comum evocações a desventura da protagonista do romance *Madame Bovary*, e no entanto se justifica devido sua inserção em um conflito intelectual marcado desde a Antiguidade. Com isso, quero trazer um confronto polêmico, cujo desenvolvimento integra parte considerável da história cultural do ocidente; e que possui como símbolo o episódio da expulsão dos poetas da *polis* por Platão, com a alegação de que na República não há lugar para “obras deste gênero [que] arruinam o espírito dos que as escutam” (PLATÃO, 2006, p. 398). O cidadão teria, então, seu espírito arruinado devido ao afastamento do *real* a partir do contato com a literatura (PLATÃO, 2006, p. 412).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A respeito desse cenário conflituoso, pretendeu-se destacar a contribuição da ficção literária para a experiência moral do sujeito. Assim, a deixa para a argumentação crítica que a seguir apresentamos no presente artigo proveio desta passagem afirmativa de Ana Maria Machado: “a leitura [de ficção literária] é fundamental para a democracia. [...] Ensina a tolerância a cada indivíduo e nos facilita o convívio com a diversidade cultural e social” (MACHADO, 2011, p. 27).

Essa concepção da leitura de ficções literárias como projeto de tolerância que contribuirá de maneira inestimável para o bem-estar humano, posto que o leitor estará mais propenso a compreender que as necessidades humanas fazem exigências conflitantes e, por isso, terá mais moralidade para lidar com os conflitos de valores ao invés de cair em fundamentalismos, foi analisada no primeiro capítulo, *A leitura literária contra a vulnerabilidade moral*, a partir da proposta de Ana Maria Machado em seus livros *Silenciosa Algarra* (2011) e *Texturas* (2001).

No segundo capítulo, *A ruína da inteligência moral pela brutalidade política*, contrastou-se a possibilidade de refinamento cognoscitivo da experiência moral pela literatura, conforme atribuído por Machado, com as indagações de George Steiner segundo o qual não é possível argumentar sobre cultura literária e humanística sem tratar do episódio do Holocausto e as outras opressões e sofrimentos que a sociedade infligiu aos indivíduos no século XX. Com efeito, nosso objetivo consistiu em compreender se de fato a literatura, essa importante atividade humana que exercita nosso imaginário pela linguagem, pode servir como bússola ética para o progresso humano e cultural.

A Leitura Literária contra a Vulnerabilidade Moral

A sociedade é a forma da aventura da existência privada dos indivíduos que a compõe, por isso, o senso moral é condição básica do indivíduo para a vida em sociedade, a fim de que haja zelo pelo bem comum na vida pública, como justiça, liberdade e igualdade. Sem o aperfeiçoamento do senso moral, pois não é algo de ordem natural, ocorrerá o estiolamento da ordem social. Como assinala Fonseca, “a ordem social é produto da interação dos indivíduos que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a constituem. O caráter e a estabilidade da ordem dependem da qualidade da interação” (Fonseca, 1993, p. 91).

Atualmente, a *qualidade da interação* do senso moral entre os indivíduos está em declínio, conforme o apontamento das reflexões e investigações do filósofo Gilles Lipovetsky. Na obra *O Crepúsculo do Dever*, o autor denominou nossa época contemporânea de *sociedade pós-moralista*, devido ser uma época de repúdio ao dever moral; que as aspirações e projetos de melhoramento da ordem social acabam suplantados pelos objetivos narcísicos individuais (LIPOVETSKY, 2005). Conforme Lipovetsky (2005), a crise moral ocorre, justamente, em razão dos indivíduos carecerem do senso moral, o que os afastam do sentimento de obrigatoriedade com o dever público:

Sociedade pós-moralista é a designação de uma época em que o sentido do dever é edulcorado e debilitado, em que a noção de sacrifício pessoal perdeu sua justificação social, em que os direitos subjetivos preponderam sobre os mandamentos imperativos, em que as lições de moral são encobertas pelo fulgor de uma vida melhor, do irradiante sol das férias de verão, do banal passatempo das mídias (LIPOVETSKY, 2005, p. 171).

Apesar disso, entretanto, não é possível apenas esperar as consequências caracterológicas dessa interação social vigente, é preciso propor substancialmente determinados modos que estimulem condutas individuais orientadas pelo esforço moral. É o que tem procurado realizar Ana Maria Machado, com sua obra ensaística que contempla o mal-estar da prática de leitura de literatura na sociedade, deste modo ocorreu as publicações de *Contracorrente* (1997), *Texturas* (2001), *Como e por que ler os clássicos desde cedo* (2002), *Balaio* (2007) e *Silenciosa Algazarra* (2011), das quais derivam as investigações da leitura como responsabilidade social, a literatura como construção do leitor cidadão e a mudança do agir social mediante a leitura literária.

Contra essa vacância mórbida do sentimento moral, Machado estimula a importância da leitura de literatura, não como rol das exigências mínimas do exercício da cidadania, mas com o argumento de que somente a leitura de literatura aprimora o agir social dos indivíduos, devido a possibilidade de fazer o leitor levar em conta nas situações sociais cotidianas os outros



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

indivíduos como seus semelhantes. O grau de interesse e o grau de intimidade aumentaria em relação as experiências sociais, permitindo os indivíduos leitores serem menos anônimos na vida cotidiana por agora estarem cientes de que suas ações atingem outro ser humano concreto. Esses modos de relação entre os indivíduos na sociedade vão fortalecendo a moral da ordem social progressivamente, à medida que aumenta a qualidade da interação entre os indivíduos.

Essa argumentação ajuda-nos a perceber o modo como a leitura de literatura está apropriada a tornar-se uma bússola ética para a sociedade; tal finalidade para Machado não é uma conjectura arbitrária, mas, em vez disso, uma condição completamente aplicável a estrutura social:

Só a possibilidade de leitura de literatura, distribuída pelo maior número possível de cidadãos, poderá reforçar a coletividade diante da manipulação do mercado, dos interesses políticos, dos fundamentalismos religiosos, das ambições pessoais de ditadores (MACHADO, 2011, p. 45).

Compreende-se, pois, se não houver amplo desenvolvimento de leitores, a sociedade continuará consumada na vulnerabilização das interações sociais, visto que

Sem a constituição de uma consciência analítica, desenvolvida pela leitura de bons textos [...] a pessoa corre o risco de se tornar refém de interesses que nem ao menos percebe, inteiramente sujeita a todo tipo de influência ou manobra (MACHADO, 2011, p. 44).

Essa feição humanizada da sociedade, contida na argumentação de Machado, representa um desenvolvimento intensificador da expressividade moral de cada indivíduo, e que estaria de acordo com os versos de Fernando Pessoa — “torna-me humano, fraterno e solícito/ só humanitariamente é que se pode viver/ só amando os homens, as ações, a banalidade dos trabalhos” — só poderia concretizar-se com o refinamento cognoscitivo do leitor em relação aos conflitos provocados pela realidade cotidiana que implicam valorações éticas.

De acordo com Machado, esse refinamento cognoscitivo que a literatura realiza no leitor, permitindo-o aperfeiçoar seu comportamento por uma perspectiva crítico-moral, resulta do fato da literatura “nos permitir vivenciar experiências que não são as nossas, a leitura de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

literatura nos dá uma estupenda oportunidade de estar na pele dos outros” (MACHADO, 2011, p. 27). Desconsiderando a advertência de Heródoto, de que "a felicidade entre os homens jamais permanece por longo tempo no mesmo sítio" (HERÓDOTO, 1988, p. 44), Machado está decidida que uma sociedade leitora de literatura será uma conquista civilizatória da humanidade (MACHADO, 2011, p. 45).

A Ruína da Inteligência Moral pela Brutalidade Política

Nem sempre a ficção literária ocupou um papel tão fundamental para conferir progresso moral a ordem social. Otimistas como Diderot, que anunciava o progresso na era Iluminista do século XVIII, desconfiava que as ficções literárias contribuíssem para a experiência moral dos cidadãos. Diderot argumentava que por mais que as ficções literárias traziam ao leitor, ou ao expectador de teatro, condições circunstanciais de julgamento moral, ainda assim não exercitavam a autoconsciência:

É sobretudo quando tudo é falso que se ama o verdadeiro, é sobretudo quando tudo está corrompido que o espetáculo é mais depurado. O cidadão que se apresenta à entrada da Comédie deixa aí todos os seus vícios, a fim de retomá-los apenas à saída. Lá dentro ele é justo, imparcial, bom pai, bom amigo, amigo da virtude; vi muitas vezes a meu lado malvados profundamente indignados contra ações que não deixariam de cometer se se encontrassem nas mesmas circunstâncias em que o poeta situava o personagem que abominavam (DIDEROT, 1966, p. 200 *apud* Fonseca, 2005, p. 34).

A ideia que findo o espetáculo, ou finda a leitura, o indivíduo volta a sua realidade cotidiana com seus vícios morais e mesquinhas é completamente oposta a tese de Machado, segundo a qual as ficções literárias “são fundamentais na transmissão de valores éticos” (MACHADO, 2011, p. 44). Assim, o exemplo de Diderot é significativo porque se direciona aos questionamentos do ensaísta e crítico literário George Steiner, que defende não ser possível argumentar sobre cultura literária e humanística sem tratar do episódio do Holocausto e as outras opressões e sofrimentos que a sociedade infligiu aos indivíduos no século XX. Contudo, como salienta o autor de *No Castelo do Barba Azul*, não houve quase nenhuma tentativa de relacionar essas práticas inumanas com a cultura humanística:



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Não consigo ver de que modo alguma discussão sobre a definição de cultura, sobre a viabilidade do conceito de valores morais, possa evitar essas questões. Parece-me irresponsável uma teoria da cultura, uma análise de nossas presentes circunstâncias, que não tenha como eixo a consideração dos modos do terror que causou, por meio da guerra, da fome e do massacre deliberado, a morte de cerca de 70 milhões de pessoas na Europa e na Rússia, entre o início da Primeira Guerra Mundial e o final da Segunda (STEINER, 1991, p. 40).

Em consequência da demonstração de que a índole da cultura humanística da Europa conviveu ao lado dessa “erupção da barbárie” (STEINER, 1988, p. 14), essa questão das relações entre os episódios de massacre e a literatura tornou-se fulcral para Steiner (1988), pois, podem comprovar que leitores de ficções literárias são determinados pelos mesmos processos de rotinização e trivialização, da realidade cotidiana, como os indivíduos que não são leitores; logo, não haveria validade cognoscitiva em experiência moral aos leitores, permitindo-os seguir condutas menos vulneráveis frente as dificuldades que podem surgir. Conforme explica Steiner: “nós viemos depois. Sabemos agora que uma pessoa pode ler Goethe ou Rilke à noite, que pode tocar Bach e Schubert e cumprir a rotina de trabalho em Auschwitz pela manhã” (STEINER, 1988, p. 15).

De modo sumário, podemos dizer que o episódio do Holocausto, atualmente, é um fato, uma memória, que poucos querem encarar de frente; é um episódio teste para a modernidade, como assinalou o sociólogo Bauman (1998), pois não se trata de uma aberração histórica, mas “que o Holocausto pode ter meramente revelado um reverso da mesma sociedade moderna cujo verso, mais familiar, tanto admiramos. E que as duas faces estão presas confortavelmente e de forma perfeita ao mesmo corpo” (BAUMAN, 1998, p. 26). Dessa forma, o episódio do Holocausto torna-se um veto ao argumento de Machado sobre as potencialidades morais a serem desenvolvidas com a leitura de literatura, e que “sociedades menos acostumadas à leitura ficam muito mais vulneráveis e expostas” (MACHADO, 2011, p. 45), posto que o terror nazista fez surgir uma *crise de paradigma* na sociologia, exigindo que essa adotasse outras metodologias, das quais “fenômenos como o Holocausto devem ser reconhecidos como resultados legítimos da tendência civilizadora e seu potencial constante” (BAUMAN, 1998, p. 48).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nas grandes linhas do curso histórico da sociedade moderna, Steiner demonstra haver “pouquíssima evidência sólida de que os estudos literários contribuem efetivamente para enriquecer ou estabilizar a percepção moral, de que *humanizam*” (STEINER, 1988, p. 81, grifo do autor), e com o exemplo extremo do Holocausto, o autor de *Linguagem e Silêncio* defende, com pesar, a existência de um “elo oculto e traiçoeiro entre o cultivo da reação estética e o potencial de desumanização pessoal” (STEINER, 1988, p. 81-82). Embora escrevendo antes da pungente obra de Bauman sobre a *modernidade e holocausto*, essa defesa de Steiner está de acordo com a conclusão do sociólogo em relação a responsabilidade moral de cada indivíduo com seus semelhantes:

“O outro” como *categoria abstrata* simplesmente não se comunica com “o outro” que *eu conheço*. Este pertence ao reino da moralidade, do qual aquele está firmemente excluído. O segundo reside no universo semântico do bom e do mau, que teimosamente recusa a se subordinar ao discurso da eficiência e da escolha racional (BAUMAN, 1988, p. 217, grifos do autor).

Assim, a rigor, a reação estética do leitor ocorre com os personagens, que se referem a um outro como categoria abstrata e, por conseguinte, nada implica que suas compreensões de valorações éticas obtidas na leitura sejam racionalizadas e aplicadas na realidade cotidiana (como o exemplo de Diderot supracitado).

A literatura como experiência estética das condutas morais: uma conclusão

O argumento reconstruído e discutido neste artigo, sob a luz da possibilidade das ficções literárias contribuírem para o enriquecimento da experiência moral dos leitores, nos permitiu derivar algumas conclusões. Essa questão, longamente discutida na história cultural do ocidente, é rica em matéria de reflexão filosófica ou de pesquisa sociológica. Nosso fio condutor foi as reflexões da ensaísta Ana Maria Machado, segundo a qual a leitura de ficções literária está apropriada a tornar-se uma bússola ética para a sociedade, posto que a literatura realiza um refinamento cognoscitivo do leitor em relação aos conflitos provocados pela realidade cotidiana que implicam valorações éticas.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ocorreu, porém, que ao contrastar seus argumentos com o episódio do Holocausto, levando em consideração a proposta de George Steiner, surgiu uma dupla condição de experiência moral provocada ao leitor pela literatura. A primeira, e falível, é a proposta da ficção literária proporcionar uma experiência concreta da conduta moral; a segunda, é que a experiência moral obtida pelo leitor é estética. A abordagem do episódio do Holocausto, realizada a partir do sociólogo Bauman (1998), possibilitou compreender que a índole da cultura humanística da Europa conviveu ao lado dessa “erupção da barbárie”, comprovando, portanto, a dificuldade — até impossibilidade — da literatura ser bússola ética para a sociedade, devido a experiência estética de condutas morais se darem em categorias abstratas.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo, Abril Cultural, 1970.
- FONSECA, EDUARDO GIANNETTI DA. **Vícios privados, benefícios públicos?: A ética na riqueza das nações**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- _____. **Auto-engano**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- HORÓDOTO. **História**. Brasília: UNB, 1988.
- LIPOVETSKY, Gilles. “A Metamorfose da Virtude” In _____. **A Sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética dos novos tempos democráticos**. São Paulo: Manole, 2005.
- MACHADO, Ana Maria. **Silenciosa Algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. **Silenciosa Algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leitura e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- STEINER, George. **No Castelo do Barba Azul: Algumas notas para a redefinição da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. **Linguagem e Silêncio: Ensaios sobre a crise da palavra**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- PLATÃO. **A República**. Martins Fontes: São Paulo, 2006.